

Gênese de Ju Lufada

Ju Lufada - Juliana de Lima



Apresentado por

Meu Lado Poético 

DedicatÃ³ria

As primeiras palavras que brotaram de gênese no plexo de meu âmago e a materialidade enfim satisfatoriamente eclodida em minhas mãos, dedico esta obra. E á gratidão dos termos guardados por aqueles que ainda virão!

Agradecimentos

Sou imensamente grata a todos que contribuíram para estas palavras, aos que apoiaram este projeto, e à vida pelas lições e inspirações que se transformaram nestes versos.

Sobre o autor

Ju Lufada ou Juliana de Lima faz-se uma voz poética que traduz em palavras as nuances do coração e da alma. Com uma escrita autêntica e sensível, compartilhando suas reflexões e experiências em versos que prenchem de significado os silêncios.

resumo

Era do amor

Tudo e nada

Solidão e chuva

Presença eminente

Alma feminina

Mavioso padecer

Por do sol

Asas celestes

Utopia

Gaúcho

Clarões de lembranças

Lufada

Precipitação de juventude

Paixão que perdura

Homem não chora

Abril de mágoas e omissões

Gaúcho, não desista!

Reminiscências

Tranquilidade da querência

Guerreiro do Planalto

Vivendo ao relento

Rigor da lida

Era do amor

(Rio Bonito, 10 de outubro de 2008. Juliana de Lima)

Inocente gênese da Alvorada...

Incansável ternura, tu me cativa!

Vosso esmo brio, intenso,

Prenuncia a Era do Amor.

Sua formosura inalterada,

Frescuras vivas.

Para ti profuso incenso,

Para mim, refúgio da dor.

Se cai o temporal,

Decai com ele sua essência,

Contigo tudo se vai,

A perfeição!

Ó remate (súbito mal)

Ele leva-te a existência,

O espírito insano te sai,

Como se o cosmo não tivesse por ti afeição.

Por que leva para si toda a beleza?

Deixando comigo lacuna, solidão,

A fria e tenebrosa tristeza:

Inevitável ilusão!

(Juliana de Lima).

*Minha primeira poesia.

Tudo e nada

(Rio Bonito, 23 de dezembro de 2008. JulianadeLima).

Sou Tudo, Sou o Nada,
Sou o dia, a noite, a madrugada!
Sou a lacuna que te completa,
Sou errante, sou certa...

Não sou o Nada, não sou tudo.
Estou em ti,
No coração, no âmago, no seu Eu profundo.
Podes não perceber; estou aí, ali ou aqui...

Sou temperamental,
Sou quente, sou fria;
Sou a tal,
Sou a Poesia.
(Juliana de Lima.)

Solidão e chuva

Tropéis,
Pássaros a cantar,
São eles belos, afinados, preocupados com sua canção.
Folhas agitadas, se atiram ao chão,
São elas verdes, já velhas,
Mescladas ou não.
No jardim as flores,
Já não são sinônimo de gênese,
Suas pétalas perderam o brio...
Seu caule o vigor...
Morreram com o frio
E não servem mais de sinônimo para o
Amor.
(Juliana de Lima).

Presença eminente

Presença eminente

(Rio Bonito, 31 de outubro de 2009).

Olhar abrasador,

Que cativa e prende.

Sois versos proferidos,

Versos de amor.

Presença eminente,

Alma distante,

Perfídio

Que causa dor.

Manancial, que...

Preenche meu âmago,

Conduz meu padecer,

Imerge a amargura da solidão.

Ó Melro da Alvorada,

Que amo e odeio,

Surgistes das profundezas,

De meus maiores temores.

Imanastes em mim satisfação,

Alento,

Vida,

Vulnerabilidade.

Seu gorjeio

De eterno adeus,

Oriundo de brio

E frieza...

Não podes fugir

És prisioneiro de minha'lma,

Assim como eu de seus súbitos desejos.

Desejos insensatos.

Despencastes do alto pedestal,

Quebrou-se o mártir,

Deu-se gênese ao sossego,

Foram-se os enganos.
Foi-se meu mal,
Fiquei a sentir
O coração sôfrego
E pensamentos meneando.
(Juliana de Lima).

Alma feminina

Alma feminina

(Rio Bonito, 11 de novembro de 2009 Juliana de Lima)

A alma de uma flor, de espinhos momentâneos, capaz de canalizar profundo afeto, por querubins de grande valor.

Forte, de lágrimas contidas, guardadas no âmago, a fim de passar segurança, levar paz e esperança: Esquecidas.

A solidão é um tormento, que a leva à ferir-se com seus espinhos; suas pétalas só brilham com a luz do amor...

É mais uma alma feminina, que carece de sublime, intensa e mútua compreensão.

(Juliana de Lima).

Mavioso padecer

Mavioso padecer

(Rio Bonito, 02 de janeiro de 2010 Juliana de Lima).

Ó seleto,

Gênese do meu remate,

Força sinuosa, irrequieta,

Que meu âmago acolhe, e combate.

Mavioso padecer,

Chamejante resquício,

Doce remanescer,

Alento d'alma.

Melro demente,

Sois versos,

Vícios de meu Ser,

Que freneticamente procura a calma.

Deplorável saudade,

Amável ilusão,

Sois minha vaidade,

A melodia da mais bela Canção.

(Juliana de Lima).

Por do sol

Por do sol

(Rio Bonito, 06 de janeiro de 2010 Juliana de Lima).

No crepitar de um sonho

Na vida fatigante,

Bateu em mim resquícios de felicidade,

Eclodiu a emoção.

Um desejo tamanho,

Que doravante

Me traz vivacidade,

Engrandece o coração.

Uma onda de mudanças

Num mar de solidão:

Vira pérola

O que na areia era apenas um grão.

Com o por do sol vão-se as lembranças,

Para a mágoa digo não,

Meu melro se evola,

No horizonte da razão.

(Juliana de Lima).

Asas celestes

Asas celestes

(Rio Bonito, 19 de fevereiro de 2010 Juliana de Lima)

Melro de asas celestes,

(Fortes refúgios),

Eminente presença,

Motivo de saudade.

Quando de anjo vestes

Belos gorjeios,

A ausência

Converte-se em felicidade.

...Mas, atrelado de ego,

Desprovido de perfeição,

Vais embora,

Foges do sublime amor.

Do calor do aconchego

Ao frio da solidão,

Do sabor da Aurora

Ao adeus que deixa dor.

Ó asas- reminiscências

Dai-me paz ao coração:

Devolva-me a essência,

O amor maior, a razão!

(Juliana de Lima).

Utopia

Utopia

(Rio Bonito, 06 de março de 2010 Juliana de Lima).

Minha alma é um melro,

De longas e agonizantes asas,

Arraigadas na lacuna de algo oculto.

Meu universo é um breu, iníquo,

Onde a solidão é um comodismo aprazível:

Individualmente coletivo.

Meus vícios são infrenes,

De existência diurna!

Irada exclamo aos quatro ventos, ao léu (em vão):

"Há tantas rimas,

Tantas palavras soltas,

Que não cabem em mim,

São como vulcões em erupção...

Tenho ideias infindas,

Soturnas à minha volta

(Ruídos sem fim),

Lavas incontidas no coração".

Porém, há empecilhos...

Assim sendo, só uma voz,

Distinta me acalma : aquela que profere gritos (me instiga!).

Este melro procura algo

Expressivo e satisfatório:

Uma utopia da qual tanto discorrem,

Persuasivamente os hipócritas...

...Aquela douda sensação, provocada por miríficas canções, e dissolvida com a realidade

De mais um dia de caturrice alheia,

De quem já cansou de esperar por tal projeto:

Irrealizável.

A cada instante, preciso encontrar forças,

No fundo do âmago, para acalmar o impaciente Melro, que parece querer devorar-me,

Colerizando a insensatez.

Embora a incredulidade ronde meus dias,
A agonia do bater das asas deste negro padecer,
Consuma minhas madrugadas...
Vou versando este colossal amor,
Em silêncio, apenas com a voz da doce ilusão,
Com melodias da paixão existencial...
...A palavra mais sublime e ecoante que,
Permite as asas dementes
deste Melro resistir aos confrontos
Com o fado:
liberdade.
(Juliana de Lima).

Gaúcho

Gaúcho (22/03/2010).

(Juliana de Lima)

Gaúcho destemido, de chapéu na testa tapeado, trajado a rigor, consigo vai a obstinação, lembranças de lidas de outrora.

Carrega a honra de ter cavalos quebras domados, conquistas de glória e vigor: É a satisfação que segue campo a fora.

Gaúcho, tua vida pode parecer simples: Um cusco velho, uma companheira compreensiva, um guri pequeno...

Quantos exemplos já viste, sobre um gasto arreio, à frente de uma comitiva... No rodeio, dos ginetes, és o mais bueno!

Tens a vida de teu pai como lição; alma de farrapo, coração repleto de lendas; grandes heróis de teu pago, como você já enfrentaram o Minuano, a noite escura.

Leva uma felicidade no coração: A sua espera tem uma prenda, que sonha findar os dias ao teu lado, com a certeza de que em seus braços está segura!

(Juliana de Lima).

Clarões de lembranças

Clarões de lembranças

(Rio Bonito, 23 de março de 20210 Juliana de Lima).

Chuva de pensamentos,

Versos de trovões,

Raios de saudade,

Clarões de lembranças.

Preces feitas ao Minuano, aos quatro ventos,

Olhos que procuram o gaúcho por todos os galpões...

Prenda... Deixa de ansiedade:

É só mais uma de tantas andanças!

.....

Enfim chega o peão

Todo molhado!

Mais que depressa em seus braços se enlaça...

Ele só quer descansar.

Recebido com emoção,

O gaudério ganha um beijo demorado,

Como dizendo que, só o temporal passa;

Um olhar, pedindo para que em suas carícias doces venha repousar.

Ah gaúcho! Tua feição,

Teu olhar perdido no nada;

Teu sorriso encantador,

Aparente tranquilidade.

Talvez tu não passes de ilusão,

De um sonho tido de madrugada,

Sonho de amor,

Ternura que deixou saudade.

Gaúcho...Ah se soubesses, a quantas anda
Minha esperança,
O quanto padeço,
Todos os dias te espero na porteira:
Tu não voltas,
Talvez porque não fostes!...

Antes que o pago de todo escureça
À São Pedro peço
Que de qualquer maneira,
(Como, não importa)
Que, para mim, voltes!
(Juliana de Lima).

Lufada

Lufada

(Rio Bonito, 24 de março de 2010. Juliana de Lima).

Em guitarras estridentes,

Ecos de adagas em combate,

Centauros cavalgando,

Em campos colorados: Vestígios de guerra.

As chaleiras em trempos,

Para quem sobreviver servir-se de mate,

Sorvendo a dor daquele que tombou peleando, defendendo ideias de sua terra.

Sobre o catre sua consciência dói:

Preferia morrer em lugar de teu companheiro.

E na ânsia de rever os piás e a prenda

Teu coração fica apertado!

Para a História és bandido, és herói,

Para teu povo um guerreiro,

Parte de uma grandiosa lenda!

Gaúcho: Na Lufada de grandes guitarristas

Tu sempre serás homenageado.

(Juliana de Lima).

Precipitação de juventude

Precipitação de juventude

(Rio Bonito, 27 de março de 2010 Juliana de Lima).

Dançando uma alegre vaneira

Em teus verdes olhos vejo,

A beleza de infindas esperanças,

A satisfação de estar comigo.

Dizes que jamais vistes tão bela morena,

E argumentas com um forte beijo:

Acabo envolvendo -me em suas graças

(Somos duas almas que procuram eterno abrigo).

As lembranças vêm nos enlaçar, revivemos nossa infância;

O sabor da amizade,

A doçura dos gestos,

Os olhares que já se encontravam sem explicação.

Do afeto de inocência,

Revela-se aos poucos a verdade:

Os corações tornam-se mais inquietos;

Não há coragem para novos olhares, fico sem saber a razão.

Depois... A vida ganha mais cor,

Os versos apaixonados mais sentido;

A distância saudade;

As horas infinidade: A rotina fica rude.

Mesmo sendo preenchedor, este amor

Não me é certo, e o guardo comigo,

Tentando conservar nossa bela amizade,

Como se aquela atitude fosse precipitação de juventude.

Afasto-me dos bailes de galpão,

A tristeza te faz partir em tropeada,

E passas tantos invernos longe do nosso rincão...

(Sem tua despedida) Levo a vida amargurada.

Hoje a saudade está a valsar

A dança de um casamento: Forçado engano.

Mas, sei que vou te esperar,

Para dizer que iria para onde fores, pois sempre vou te amar!
(Juliana de Lima).

Paixão que perdura

Paixão que perdura

(Juliana De Lima 28/03/2010).

Em teu olhar negro

Vi a doce inquietação do anoitecer:

Um repousar meigo,

Tranquilidade que me afaga a cada amanhecer.

Olhar de amor terno,

No acorde do dia,

Seus braços que me aquecem no inverno

Já me fizeram sonhar, na ausência, em noite fria.

As flores que de ti recebi...

Vi-as ontem no jardim,

São mui belas, seu perfume doce senti.

Senti, porém, mais pura a essência do amor que tens por mim.

Em meu âmago sois versos,

Antigas milongas, grande ternura...

Melodias e sentimentos dispersos:

Paixão que perdura.

(Juliana de Lima).

Homem não chora

Homem não chora

(28/03/2010) (Juliana de Lima)

Quem disse que homem não chora...

Quer tapar o sol com a peneira?

Quem disse que homem não chora...

É porque ainda não viu, um gaúcho perder a prenda, para outro na vaneira;

É porque não sabe a mágoa de um que já foi traído;

Quem disse que homem não chora...

É porque ele chora escondido!

(Juliana de Lima).

Abril de mágoas e omissões

Abril de mágoas e omissões

(Mafra, 20 de abril de 2010 Juliana de Lima)

Em minha estadia serena,
Surge uma espessa escuridão.
Em seguida um raio
Estremeceu os pampas.

Não era centauro bravo;
Não era caudilho;
Não possuía adagas
Ou compaixão.

Espalhou minha melena,
Gelou meu coração...
O mês? Véspera de maio!
Se eram bichos não possuíam colas nem guampas!

Escurecendo meu céu azul (alvo),
Meu âmago, brio.
Deixando no semblante mágoas.
Não era a morte. Mas, a maldita omissão.

Omissão esta que veio a cavalo.
Em um belo e frio domingo.
Chegou irônica, exigindo-me,
Aos gritos!

O fado quis acalmá-la ;
A lacuna rindo;
O orgulho detendo-me
Em um viver de verbos extintos.

Era um Melro (repito: a cavalo)
Num vento redomão,
Minuano arrependido
Depois do dano irreversível.

É um sofrer alado,
Unitária compreensão,
Princípio ferido...
Afinal: És engano, ou amor incábivel?

(Juliana de Lima).

Gaúcho, não desista!

Gaúcho, não desista

(Juliana de Lima 23/04/2010)

Os cavalos não morreram,
as adagas ainda brilham,
O lenço colorado conserva o brio
E no ideal perdura a nobreza.

Mas os olhos entristeceram,
no coração as amarguras trilham,
A alma tiritava de frio,
Em um verão de pura beleza.

Tens um íntimo chucro,
E o corpo maleável;
Vives pela mais-valia,
Coisa que não sabes conceituar.
Na terra que amas não vês lucro,
E sim um sobreviver aceitável,
Que mal sustenta a família.

Mas é aí onde vais continuar.

Conservas teu telurismo,
Teu orgulho de terra sulina,
Decência...

Princípios que um homem deve ter.

Não permitas na tradição o capitalismo,
Desonra que sua amizade não atina,
mantenha na alma a essência,
Força de farrapo: nobre ser.

Gaúcho, não desiste,

Tu vives no paraíso.

Ergue para os céus sua vista
E por tudo agradeça à Deus
com um sorriso.

(Juliana de Lima).

Reminiscências

Reminiscências

(Rio Bonito, 24 de abril de 2010. Juliana de Lima)

A catilinária que de ti recebi

Ressoa frequentemente em meu mundo,

Minha consciência interfere, judicante:

A mágoa que fere meus dias me envolve como de reide.

Quando na madrugada, com lembranças revoltas adormeci,

Em sonho revi seu olhar profundo,

Meio distante, que doravante

O devaneio não permite... aos poucos se perde.

É inevitável: As reminiscências cedem ao tempo.

Seu semblante aos poucos empalidece,

Meu Ser se desespera: Não quero te esquecer;

Sinto que sua ausência é que traz esta lacuna.

Esquecer poupar-me-ia de tanto sofrimento.

Embora este remanescer de ilusão me sirva de alicerce,

Não posso te querer

E nessa tristeza minha existência se afunda.

Em noite de luar,

Quando em meus olhos as estrelas resplandecerem,

Lembrarei daquela noite em claro,

Suspirarei de saudade.

Ninguém ocupará o seu lugar:

As maiores brasas apenas adormecem,

O momento que marca é o mais raro,

E não necessariamente o de felicidade!

(Juliana de Lima).

Tranquilidade da querência

Tranquilidade da querência

(30/04/2010).

Minha terra não tem farrapos,
Os homens dela não sabem hostilizar.
As armas que lá combatem
Não são manuseadas pelos guapos de cá.

Nosso baile não tem retouço,
Nossa música doce bailar;
Nosso rodeio o bom gaúcho;
Nossa tertúlia é essência de matear...

Em cantar milongas ao infinito
Menos inspiração tenho eu lá.
Minha terra não possui um rio bonito,
Ou o crepúsculo do Guaíba.

Minha terra não tem tropeiros
Como existiu um dia aqui,
De tropejar dias e madrugadas.
Sem um forte sobre os arreios
Minha terra não tem domas como no Itaqui.
Onde há chucras genetêadas.

São Pedro permita que um dia eu regresse,
Para terminar meus dias aí.
Gritar com a força rio grandense
A liberdade que encontrei aqui.
Nos pampas plantearei um mito:
De que não há tranquilidade
Maior do que no Rio Bonito.

(Releitura de Canção do Exílio, de Gonçalves Dias).

Guerreiro do Planalto

Guerreiro do planalto

Juliana de Lima

Se o forte dos pampas é o tropeiro,
O planalto é o caboclo quem mantêm.
Por defender esta terra és guerreiro
E a força é o sentimento que lhe convém.

Sua Santa e Bela Catarina tinha Sesmarias,
Terras contestadas, onde não podias parar,
Encontrastes maior liberdade nas paragens de Pinhais.
E em luta, seu valor se dispõe honrar.

Da mata vem-lhe o sustento,
No sangue de índio o vigor,
Na tradição gaúcha o alento,
Do europeu herdastes o rigor.

Mameluco de nobre Ser,
Carregas o fardo n'alma,
A fé que o espírito em Deus tem poder
E a oração a teu santo dá à chaga calma.

A civilização o espanta,
Traz o cunho de exploração.
E na guerra defende sua cidade santa.
Tens a vantagem de conhecer o lugar como a teu coração.

A grandiosidade, por ti foi laçada,
Ganhas o receio do inimigo,
Que te ataca com canhão e tropa armada;
Desprovido de coragem, ele não atacará de frente teu abrigo.

Muitos dos seus morrem por um ideal,
Em busca de um acordo justo,
O qual tornar-se real:
Fazes História, tendo a vida como custo.

Descansas em paz, ó genuíno brasileiro,
Nosso povo conservará o teu legado,
De seu braço e telurismo será herdeiro
E por sua grandeza sempre serás lembrado.

Vivendo ao relento

No rumo dos Ventos

(Rio Bonito, 26 de maio de 2010. Juliana de Lima)

Com meu alazão,
De crinas ao vento,
Me sinto patrão;
Farrapo ao relento,
Com as rédeas do destino no mão.

A cavalgar pelos campos,
Pago a fora,
Levando a tradição nos tentos,
Sou uma canção,
Que evola no rumo dos ventos.

Em paragens distantes
Vou buscar outro redenção.
Em breve voltarei,
Para rever o rincão
E a felicidade que lá deixei.

Em noite escura,
Ao pé do fogo de chão,
O céu é um poncho seguro
Mas não detém o Minuano,
Que traz o frio da solidão.

O potro já tá domado.
De chapéu na testa tapeado,
Pra querência volto galopando,
Fim de semana tá chegando,
Vou pro rodeio fazer festa.

Rigor da lida

Rigor da Lida

(Rio Bonito, 04 de junho de 2010. Juliana de Lima)

Revives, oh alma farrapa
no coração deste gaiteiro
Para a conservação da vida guapa,
no retouço galponeiro.

Na querência da tradição,
Vivendo na lida campeira,
Levando lembranças no coração:
Paraíso que me sustentou a vida inteira.

Das tertulias no velho galpão,
Reminiscências de encontros,
O sabor do bom chimarrão,
Quando meus cavalos ainda eram potros.

O guri vai aprender
A domar redomão,
E com as tropeadas
Saber o valor que tem o rincão.

Enquanto houver vida
Não deixarei a terra
De um gaudério que aprendeu com a lida,
Amar seu chão defendido na guerra.

Juliana de Lima.